

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Títulos originais: *The Legend of Sleepy Hollow*
Rip Van Winkle
Legend of the Arabian Astrologer

Título: *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça*
e Outros Contos

Autor: Washington Irving
Ilustração: Arthur Rackham
Tradução: Júlio Henriques
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Vera Tavares

1.ª edição: Novembro de 2008
ISBN 978-972-8955-81-6
Depósito Legal n.º 284569/08

Washington Irving

A LENDA
DO
CAVALEIRO SEM CABEÇA
E
OUTROS CONTOS



ILUSTRAÇÕES DE ARTHUR RACKHAM
TRADUÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V I I I

ÍNDICE



II

A LENDA DO
CAVALEIRO SEM CABEÇA

81

RIP VAN WINKLE

143

A LENDA DO
ASTRÓLOGO ÁRABE

Sobre o Autor 171
Sobre o Ilustrador 173

NOTA EDITORIAL

Os dois primeiros contos, «A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça» e «Rip Van Winkle», são extraídos do livro *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* (1819-20), miscelânea de ensaios, bosquejos e narrativas publicada sob o heterónimo de Geoffrey Crayon. «A Lenda do Astrólogo Árabe» é um conto extraído do livro *Tales of the Alhambra* (1831).

A LENDA DO
CAVALEIRO SEM CABEÇA





A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA
ENCONTRADA ENTRE OS PAPÉIS DO FALECIDO
DIEDRICH KNICKERBOCKER

*Era uma terra aprazível de cabeça em devaneio,
Ante olhos semicerrados os sonhos flutuando;
E de alegres castelos nas nuvens em seu passeio
Num céu de estio eternamente girando.*

CASTLE OF INDOLENCE*

N O SEIO DE UMA DESSAS amplas enseadas que formam a margem oriental do Hudson, na extensa dilatação do rio a que os antigos navegantes holandeses chamavam Tappaan Zee, e onde eles, nas travessias, baixavam sempre as velas, prudentes, implorando a protecção de São Nicolau, há um pequeno povoado portuário a que alguns chamam Greensburgh, mas que em geral, e mais acertadamente, é conhecido pelo nome de Tarry Town**. Diz-se que assim o crismaram, em tempos idos, as virtuosas mulheres da região, devido à inveterada tendência dos maridos para se deixarem ficar pela taberna da aldeia nos dias de mercado. Não dou o facto como garantido, limitando-me a fazê-lo constar, em nome da exactidão e da veracidade.

* Livro do poeta escocês James Thomson (1700-1748), constituído por dois cantos, no primeiro dos quais o autor descreve um castelo onde reina uma indolência feiticeira, para o qual ele atrai cansados peregrinos, que ali ficam numa doce sonolência e em grande tranquilidade. (N. do t.)

** Ou Vila da Demora. (N. do t.)

Não longe deste povoado, a uns três quilómetros de distância, fica um pequeno vale, ou, mais propriamente, uma extensão de terra cavada entre elevados montes, que é um dos lugares mais sossegados do mundo. Ao longo desse vale desliza um pequeno riacho, cujo suave murmúrio nos embala, convidando-nos ao repouso; e a bem dizer os únicos sons que quebram o constante sossego são o ocasional pio da codorniz e o leve martelar do pica-pau.

Lembro-me de que em rapaz a minha primeira façanha na caça ao esquilo ocorreu num pequeno bosque de nogueiras altas que ensombra uma das encostas deste vale. Tendo-me eu embrenhado nesse bosque por volta do meio-dia, na altura em que toda a natureza se encontra em plena quietude, assustei-me com o rugido da minha própria arma, que quebrou o dominical silêncio envolvente e se viu prolongado e reflectido pelos furiosos ecos dos disparos. Se alguma vez desejasse encontrar algum retiro para fugir do mundo e das suas distrações, e para passar em aquietados sonhos o resto de uma vida agitada, não conheço lugar mais auspicioso do que este pequeno vale.

Devido à silenciosa paz de tais paragens e ao peculiar carácter dos seus habitantes, descendentes dos primeiros povoadores holandeses, esta afastada e estreita vargem é desde há muito conhecida pelo nome de Vale Adormecido, sendo os seus rústicos moradores designados, em todas as redondezas, como a gente do Vale Adormecido. Uma influência sonolenta e sonhadora parece possuir a região, impregnando a própria at-

mosfera. Há quem diga que estas terras foram embruxadas por um prestigioso médico alemão nos primeiros tempos da colônia; outros afirmam que um velho chefe índio, profeta ou feiticeiro da sua tribo, celebrava ali as suas cerimônias, antes de a região ser descoberta pelo capitão Hendrick Hudson*. Seja como for, certo é que estas terras continuam sob a influência de alguma força mágica que domina as mentes desta boa gente, levando-a a viver num contínuo devaneio. É dada a toda a espécie de crenças maravilhosas, encontra-se sujeita a transe e visões, vê com frequência estranhas ocorrências, ouve melodias e vozes no ar que a rodeia. Por todas as redondezas abundam lendas locais, lugares



* Henry Hudson (1550-c. 1611), o navegador inglês que em 1609, ao serviço da Companhia Holandesa das Índias Orientais, explorou a costa norte-americana e o rio que adquiriu o seu nome. (N. do t.)



encantados e superstições obscuras; mais do que em qualquer outra parte do país, as estrelas cadentes e os meteoros brilham ali com particular intensidade, e a bruxa do pesadelo, mais os seus nove servidores, parece ter escolhido esta região para cenário predilecto das suas cabriolas.

Todavia, o espírito dominante que assombra esta encantada região e parece comandar todos os poderes da atmosfera é a aparição de uma figura sem cabeça montada num cavalo. Dizem alguns que é o fantasma de um soldado da cavalaria de Hesse* cuja cabeça foi arrancada por uma bala de canhão, numa batalha sem nome da Guerra da Independência, e que é visto pelos camponeses, de quando em quando, correndo a toda a brida por entre as sombras da noite, como se o levassem as asas do vento. As suas aparições não se limitam ao vale, estendendo-se por vezes aos caminhos adjacentes e especialmente às imediações de uma igreja não muito distante. Na verdade, alguns dos mais versados historiadores destas terras, que zelosamente têm coligido e examinado as oscilantes versões atinentes a este espectro, afirmam que o corpo do soldado foi enterado no cemitério da igreja, que o seu espírito cavalga de noite para o cenário da batalha em busca da cabeça decepada e que a tremenda rapidez com que às vezes atravessa o vale, qual rajada de vento a meio da noite,

* Participaram na Guerra da Independência (1775-1783), por iniciativa inglesa, mais de trinta mil mercenários alemães, uma grande parte dos quais sendo oriunda de Kassel e Darmstadt, no estado de Hesse, daí derivando o facto de os mercenários alemães terem sido genericamente chamados «hesianos». (N. do t.)



A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA
ENCONTRADA ENTRE OS PAPÉIS DO FALECIDO
DIEDRICH KNICKERBOCKER

*Era uma terra aprazível de cabeça em devaneio,
Ante olhos semicerrados os sonhos flutuando;
E de alegres castelos nas nuvens em seu passeio
Num céu de estio eternamente girando.*

CASTLE OF INDOLENCE*

N O SEIO DE UMA DESSAS amplas enseadas que formam a margem oriental do Hudson, na extensa dilatação do rio a que os antigos navegantes holandeses chamavam Tappaan Zee, e onde eles, nas travessias, baixavam sempre as velas, prudentes, implorando a protecção de São Nicolau, há um pequeno povoado portuário a que alguns chamam Greensburgh, mas que em geral, e mais acertadamente, é conhecido pelo nome de Tarry Town**. Diz-se que assim o crismaram, em tempos idos, as virtuosas mulheres da região, devido à inveterada tendência dos maridos para se deixarem ficar pela taberna da aldeia nos dias de mercado. Não dou o facto como garantido, limitando-me a fazê-lo constar, em nome da exactidão e da veracidade.

* Livro do poeta escocês James Thomson (1700-1748), constituído por dois cantos, no primeiro dos quais o autor descreve um castelo onde reina uma indolência feiticeira, para o qual ele atrai cansados peregrinos, que ali ficam numa doce sonolência e em grande tranquilidade. (N. do t.)

** Ou Vila da Demora. (N. do t.)

Não longe deste povoado, a uns três quilómetros de distância, fica um pequeno vale, ou, mais propriamente, uma extensão de terra cavada entre elevados montes, que é um dos lugares mais sossegados do mundo. Ao longo desse vale desliza um pequeno riacho, cujo suave murmúrio nos embala, convidando-nos ao repouso; e a bem dizer os únicos sons que quebram o constante sossego são o ocasional pio da codorniz e o leve martelar do pica-pau.

Lembro-me de que em rapaz a minha primeira façanha na caça ao esquilo ocorreu num pequeno bosque de nogueiras altas que ensombra uma das encostas deste vale. Tendo-me eu embrenhado nesse bosque por volta do meio-dia, na altura em que toda a natureza se encontra em plena quietude, assustei-me com o rugido da minha própria arma, que quebrou o dominical silêncio envolvente e se viu prolongado e reflectido pelos furiosos ecos dos disparos. Se alguma vez desejasse encontrar algum retiro para fugir do mundo e das suas distrações, e para passar em aquietados sonhos o resto de uma vida agitada, não conheço lugar mais auspicioso do que este pequeno vale.

Devido à silenciosa paz de tais paragens e ao peculiar carácter dos seus habitantes, descendentes dos primeiros povoadores holandeses, esta afastada e estreita vargem é desde há muito conhecida pelo nome de Vale Adormecido, sendo os seus rústicos moradores designados, em todas as redondezas, como a gente do Vale Adormecido. Uma influência sonolenta e sonhadora parece possuir a região, impregnando a própria at-

mosfera. Há quem diga que estas terras foram embruxadas por um prestigioso médico alemão nos primeiros tempos da colônia; outros afirmam que um velho chefe índio, profeta ou feiticeiro da sua tribo, celebrava ali as suas cerimônias, antes de a região ser descoberta pelo capitão Hendrick Hudson*. Seja como for, certo é que estas terras continuam sob a influência de alguma força mágica que domina as mentes desta boa gente, levando-a a viver num contínuo devaneio. É dada a toda a espécie de crenças maravilhosas, encontra-se sujeita a transe e visões, vê com frequência estranhas ocorrências, ouve melodias e vozes no ar que a rodeia. Por todas as redondezas abundam lendas locais, lugares



* Henry Hudson (1550-c. 1611), o navegador inglês que em 1609, ao serviço da Companhia Holandesa das Índias Orientais, explorou a costa norte-americana e o rio que adquiriu o seu nome. (N. do t.)



encantados e superstições obscuras; mais do que em qualquer outra parte do país, as estrelas cadentes e os meteoros brilham ali com particular intensidade, e a bruxa do pesadelo, mais os seus nove servidores, parece ter escolhido esta região para cenário predilecto das suas cabriolas.

Todavia, o espírito dominante que assombra esta encantada região e parece comandar todos os poderes da atmosfera é a aparição de uma figura sem cabeça montada num cavalo. Dizem alguns que é o fantasma de um soldado da cavalaria de Hesse* cuja cabeça foi arrancada por uma bala de canhão, numa batalha sem nome da Guerra da Independência, e que é visto pelos camponeses, de quando em quando, correndo a toda a brida por entre as sombras da noite, como se o levassem as asas do vento. As suas aparições não se limitam ao vale, estendendo-se por vezes aos caminhos adjacentes e especialmente às imediações de uma igreja não muito distante. Na verdade, alguns dos mais versados historiadores destas terras, que zelosamente têm coligido e examinado as oscilantes versões atinentes a este espectro, afirmam que o corpo do soldado foi enterado no cemitério da igreja, que o seu espírito cavalga de noite para o cenário da batalha em busca da cabeça decepada e que a tremenda rapidez com que às vezes atravessa o vale, qual rajada de vento a meio da noite,

* Participaram na Guerra da Independência (1775-1783), por iniciativa inglesa, mais de trinta mil mercenários alemães, uma grande parte dos quais sendo oriunda de Kassel e Darmstadt, no estado de Hesse, daí derivando o facto de os mercenários alemães terem sido genericamente chamados «hesianos». (N. do t.)

resulta de ter perdido muito tempo nessa busca e de se ver constrangido a apressar-se para voltar à igreja antes do alvorecer.

É este, em linhas gerais, o teor da lendária superstição, que nesta região de sombras tem proporcionado matéria para muitas irreflectidas histórias. O espectro é conhecido, em todos os lares do território, pelo nome de Cavaleiro sem Cabeça do Vale Adormecido.

Convém assinalar que a referida tendência visionária não se limita aos habitantes nascidos neste vale, impregnando-se sub-repticiamente em qualquer pessoa que ali resida durante algum tempo. Por mais desperta que essa pessoa tenha sido antes de penetrar na sonolenta região, é certo e sabido que em pouco tempo irá inalar o enfeitado influxo do ar que lá se respira e começar a ser mais imaginativa — a sonhar sonhos e a ver aparições.

Menciono esta pacífica região com os maiores louvores possíveis, pois é nestes isolados pequenos vales holandeses, espalhados pelo grande estado de Nova Iorque, que se conservam inalteradas as populações, os seus modos e costumes, enquanto a grande corrente de migração e progresso, levando a cabo incessantes mudanças noutras partes deste inquieto país, impetuosamente passa a seu lado sem ser vista. São como esses pequenos remansos de água tranquila que bordejam a rápida torrente, onde podemos ver as palhinhas e as borbulhas avançando devagar até à margem ou lentamente girando na minúscula baía, indiferentes ao ímpeto da corrente. Apesar de se terem passado muitos





anos desde as minhas primeiras caminhadas pelas mordorrentas sombras do Vale Adormecido, pergunto-me se não iria encontrar ainda as mesmas árvores e as mesmas famílias vegetando no seu protegido seio.

Vivia neste afastado lugar, num remoto período da história americana, ou seja, há uns trinta anos, um respeitável indivíduo chamado Ichabod Crane, que morava no Vale Adormecido ou, como ele dizia, «se demorou» por lá, com o propósito de instruir as crianças das redondezas. Nascera no Connecticut, estado que abastece a União com pioneiros não só do espírito mas também da floresta, produzindo todos os anos legiões de lenhadores e de mestres-escola. O apelido do nosso homem, que significa grou, não lhe assentava nada mal. Era alto, mas muitíssimo magro, de ombros estreitos, braços e pernas compridos, mãos que pareciam ficar a uma légua das mangas, pés que podiam servir como pás, parecendo desconjuntado todo o seu corpo. Tinha





RIP VAN WINKLE
UM ESCRITO PÓSTUMO
DE DIEDRICH KNICKERBOCKER

*Por Wodan, rei dos Saxões,
De onde provém quarta-feira, Dia de Wodan,
A verdade é coisa que sempre defenderei,
Até ao dia em que entrar
Na sepultura — CARTWRIGHT**

A NARRATIVA QUE SE SEGUE foi encontrada entre os papéis do falecido Diedrich Knickerbocker, um velho cavalheiro de Nova Iorque que nutria grande curiosidade pela história holandesa desta província e pelos costumes dos descendentes dos primeiros colonos. Mas as suas investigações históricas basearam-se mais em testemunhos orais do que nos livros, visto estes serem lamentavelmente parcos no tocante aos seus temas predilectos; pelo contrário, os velhos cidadãos, e mais ainda as suas esposas, eram férteis a respeito do lendário saber acerca de factos e tradições, que tão inestimável se revela para a história autêntica. Por conseguinte, sempre que se deparava com uma genuína família holandesa, bem agasalhada na sua casa de campo de telhado baixo, protegida por um amplo plátano,

* William Cartwright (1611-1643), pregador, poeta e dramaturgo, letrado de Oxford, um dos autoproclamados elementos da «tribo» de Ben Jonson. De Wodan, deus protector dos Anglos e dos Saxões, deriva a palavra *Wednesday*, que ainda evoca o seu nome, *Wodnes daeg*, em inglês antigo. (N. do t.)

encarava-a como um acolchetado pequeno volume de letra de imprensa e estudava-a com o zelo de um rato de biblioteca.

O resultado de todas essas investigações foi uma história da província durante o reinado dos governadores holandeses, que publicou há alguns anos. Acerca do carácter literário desse seu trabalho, as opiniões divergiram e, para dizer a verdade, não é tão bom como devia ser. O seu mérito principal é a escrupulosa exactidão, um pouco questionada na primeira edição, mas desde então inteiramente demonstrada, sendo hoje acolhido em todas as colecções de história como obra de inquestionável autoridade.

O velho cavalheiro faleceu pouco depois da publicação do seu livro; e, agora que está morto e enterado, não será grande ofensa à sua memória dizer que teria empregado muito melhor o seu tempo em trabalhos mais pesados. Ele, contudo, à sua maneira, sabia como levar a cabo o seu passatempo; e embora de vez em quando escandalizasse os vizinhos e molestasse a disposição de alguns amigos, por quem tinha a mais sincera consideração e affecto, os seus erros e dislates são lembrados «mais com mágoa do que com zanga», começando a conjecturar-se que ele nunca pretendeu injuriar ou ofender. E, seja como for avaliada pelos críticos, a sua memória continua a ser estimada por muita gente, cuja boa opinião tem mais valor; em particular por alguns padeiros fabricantes de biscoitos, que chegam a imprimir o seu retrato nos bolos de Ano Novo, dando-lhe assim uma possível imortalidade, coisa quase

semelhante a ter a efigie gravada numa medalha da batalha de Waterloo ou numa moedinha da Rainha Ana.

Quem tiver jornadaado pelo rio Hudson acima lembre-se seguramente das montanhas Kaatskill. São um ramo desmembrado da grande família dos Apalaches e vêem-se de longe, do lado ocidental do rio, avolumando-se até nobre altitude e dominando-a para além da região circundante. Cada mudança de estação, de clima, e até mesmo de cada hora do dia, cria uma certa alteração nos mágicos matizes e nas formas destas montanhas, que as boas esposas encaram, de perto e de longe, como barómetros perfeitos. Quando o tempo está ameno e estável ficam vestidas de azul e púrpura, imprimindo os seus fortes contornos no claro céu do entardecer; mas às vezes, quando a restante paisagem fica sem nuvens, juntam um toucado de pálidas névoas à volta dos seus cumes, os quais, nos últimos fulgores do sol-pôr, resplandecem e se iluminam como uma coroa de glória.

No sopé destas feéricas montanhas o viajante terá por certo divisado um fio de fumo subindo em espiral de um povoado cujos telhados de madeira cintilam por entre o arvoredado, precisamente onde as leves cores das terras altas se fundem no viçoso verde da paisagem mais próxima. É uma pequena aldeia dos tempos antigos, fundada por colonos holandeses nos primórdios da província, logo no início do governo do virtuoso Peter Stuyvesant (paz à sua alma!), onde havia algumas das casas dos primeiros povoadores, erguidas em poucos anos;